

Ética e Jornalismo: Um Estudo Deontológico Sobre a Veiculação de Notícias de Suicídio no Amapá¹

Anita Flexa RODRIGUES²

Karina Michelle dos Santos LINS³

Paulo Vitor Giraldo PIRES⁴

Universidade Federal do Amapá, Macapá, Amapá.

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o contexto atual da produção jornalística na Amazônia amapaense. Trata-se de um estudo deontológico sobre a veiculação espetacularizada de notícias pelo site ‘SelesNafes.com’, intituladas como ‘Homem mata ex-esposa e comete suicídio’ e ‘Um salto para a morte’. A problemática está na constatação da ausência dos critérios de noticiabilidade e éticos na cobertura dos fatos e construção das narrativas. A análise tem como base nos estudos de Baudrillard (1996), Cornu (1998), Kucinski (2004), entre outros autores que tratam da ética no jornalismo. Os resultados da pesquisa indicam a urgente necessidade de debates deontológicos com profissionais de jornalismo e com a comunidade acadêmica, no resgate da responsabilidade social da comunicação preventiva e o respeito a vida humana.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; ética; suicídio; noticiabilidade; prevenção.

INTRODUÇÃO

Falar de suicídio não é fácil, mas não podemos deixar que esse tema se torne um tabu na sociedade. Mas, como falar sem ferir, gerar gatilhos e/ou incitar essa auto violência? A verdade é que nenhum de nós está totalmente preparado para reportar esses fatos da maneira correta, especialmente os veículos de comunicação, que noticiam as tristes fatalidades sem a mínima delicadeza ou respeito pela vítima ou por seus familiares. A mídia necessita ter maior cautela ao construir narrativas sem gerar gatilhos, mas estimulando atitudes de prevenção nos leitores, telespectadores, ouvintes, internautas.

É comum a disseminação rápida de notícias e casos de suicídio, com o advento das tecnologias de comunicação, como as redes sociais e aplicativos, que facilitam a troca de informação de um ponto a outro do mundo. Os internautas se tornaram os próprios detentores da informação, desafiando os meios de comunicação tradicionais como TV,

¹Trabalho apresentado na II07 – Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP. E-mail: anita_rodrigues@hotmail.com

³Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: karinalins2410@gmail.com

⁴Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: paulogiraldi2@gmail.com

rádio e impresso que trazem a mesma informação atualizada/contextualizada, com mais detalhes. Porém, o despreparo traz riscos ao jornalismo pela ausência dos critérios éticos.

Com a pressa em trazer a informação em primeira mão e, ainda, inserido no aspecto convergente entre mídias sociais e tradicionais, os meios de comunicação fogem dos padrões éticos ao abordar com mais detalhes e informações dos casos de suicídio. Por isso, aponta-se que a mídia está entre os fatores de risco para o comportamento suicida.

Segundo Botega e Werlang (2014), suicídio está entre as três principais causas de morte de pessoas que têm de 15 a 44 anos de idade, e para os registros da Organização Mundial de Saúde (OMS), o suicídio é responsável, anualmente, por um milhão de óbitos (o que corresponde a 1,4% do total de mortes). Entretanto, conforme a *World Health Organization* (WHO) 2014, esses dados não incluem as tentativas de suicídio, de 10 a 20 vezes mais frequentes que o suicídio em si. No estado do Amapá, esse índice só vem aumentando nos últimos anos.

A Superintendência de Vigilância em Saúde do Estado do Amapá (SVS) emitiu um alerta epidemiológico², no qual divulgou dados alarmantes sobre as tentativas de suicídio no Estado, entre os anos de 2011 a 2016, 255 homens cometeram suicídio, em relação às mulheres que foram contabilizados 61 casos, na totalidade de 316 óbitos.

O primeiro questionamento que deve ser debatido é se a divulgação de uma notícia referente ao suicídio pode estimular outras pessoas de grupos similares a tirarem a própria vida. Embora o transtorno psiquiátrico seja uma dessas condições a serem debatidas, não necessariamente configura todos os casos. Em muitos outros, encontram-se relatos de pessoas que colocaram fim às suas vidas, na tentativa de buscar supostamente eliminar problemas, como brigas familiares, decepções, e muitos outros que configuram o comportamento da pessoa suicida.

Para isso, o presente artigo selecionou duas matérias do site *selesnafes.com*, intituladas como ‘Homem mata ex-esposa e comete suicídio’ e ‘Um salto para a morte’, propondo estudo de caso relacionado à falta de ética jornalística do veículo ao noticiar os casos de suicídio de forma medíocre, sem os critérios jornalísticos – como prevê o Código de Ética do Jornalista Brasileiro, e ainda, ferindo a dignidade, e com desrespeito às vítimas e familiares dos envolvidos nos casos de suicídio.

² Emitido em 2017. Disponível em <http://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf> acesso em : 27 de junho de 2019.

Sobre o Produto Analisado

Segundo Albuquerque (2018), o portal Seles Nafes veicula as últimas notícias do Amapá, com matérias sobre políticas, polícia, comportamento, turismo na Amazônia, entrevistas, vídeos, informações sobre concursos e empregos. Administrado pelo jornalista e ex-apresentador do telejornal Amazônia TV, da afiliada Globo no Amapá, Seles Nafes. O portal foi ao ar em dezembro de 2013. Atualmente, a equipe do portal é formada por sete pessoas, sendo quatro repórteres e três editores.

Segundo o site Wikipédia (2016), Seles Nafes é um jornalista, apresentador e blogueiro paraense que mora no Amapá desde os anos 1990, conhecido pelo site selesnafes.com e por ser apresentador âncora do Jornal do Amapá da Rede Amazônica (Afiliada da Rede Globo no Amapá). Em 2016, após 18 anos trabalhando na Rede Amazônica, o jornalista deixou a emissora para se dedicar a outros projetos pessoais. Na emissora o jornalista construiu uma grande carreira, ele foi repórter, editor e apresentador, apresentou o Amapá TV, trabalhou em rádios e jornais impressos de Macapá.

Fatos e Espetáculos

Em 2018, pesquisa feita pelo banco de dados do Sistema Único de Saúde de informação estatística da Organização Mundial da Saúde (OMS), por ano, o estado do Amapá registra, em média, 10 suicídios por 100 mil pessoas. Em 2015, foram um total de 28 suicídios, 16 foram na capital. Desde 2005, a OMS ditou recomendações que ajudariam no combate ao suicídio. Em alguns municípios foram elaboradas políticas preventivas que instruem o combate e prevenção, pois os casos de suicídio não param de crescer.

Para Durkheim (1977), o suicídio é uma forma de manifestação individual de um fenômeno coletivo e que cada sociedade está predisposta a fornecer um percentual de mortes voluntárias, e que as razões para o ato seriam digeridas de forma individual, mas sempre de modo a refletir uma realidade social e local.

Deve-se salientar que existem diferenças importantes, para grupos distintos, nos determinantes do suicídio. Isto é, idosos costumam buscar o suicídio por razões diferentes das dos jovens, e o mesmo ocorre quanto às causas do suicídio feminino em relação ao masculino. A discussão faz sentido, uma vez que diferentes grupos de indivíduos reagem de forma diferente a cada um dos

possíveis fatores motivadores ou indutores à decisão de se tirar a própria vida.
(LOUREIRO, MOREIRA E SACHSIDA, 2013, p. 7)

Tendo em vista tais evidências, pode-se pensar que, em um estado como o Amapá, que lidera as estatísticas de suicídios a nível nacional, o descuido ao apresentar e produzir reportagens como a que trazemos em análise, sobre o assunto, pode gerar o chamado *Efeito Werther*. Em 1774, um livro chamado ‘Os Sofrimentos do Jovem Werther’ em que o protagonista tira sua vida, por não conseguir ficar com sua amada, espalharam-se pela Europa, divulgando relatos de uma onda de suicídios de jovens que supostamente foram influenciados pelo livro.

Trazendo para o estudo de caso, ponto focal desta análise, vamos explicar duas matérias realizadas pelo portal Selesnafes.com em que, de forma antiética e totalmente sensacionalista, o site publicou duas matérias a respeito de crimes relacionados ao suicídio, trazendo fotos e manchetes altamente tendenciosas com desrespeito e sem seguir nenhuma das orientações da Cartilha da Organização Mundial da saúde e o Código de Ética do Jornalista Brasileiro.

Trazendo para uma análise mais aprofundada do tema suicídio, sem os critérios de noticiabilidade, no caso das matérias veiculadas pelo site selesnafes.com, é necessária uma abordagem sobre o imagético. Para Susan Sontag (1981), a fotografia fornece provas, pois determinado fato que ouvimos falar, nos suscita dúvidas, porém parece-nos comprovado é reportado por meio de uma fotografia. Justamente trazer a imagem do fato ocorrido durante o desenvolvimento da reportagem ou como foto de capa, sustenta a narrativa que repórter quis apresentar durante a apuração do que aconteceu.

Então não só o fato escrito deve estar presente na matéria, como também a imagem está ali para sanar possíveis dúvidas do público alvo. Além de a imagem representar o verídico e assegurar que aquele crime, de fato, aconteceu. Trata-se da representação fidedigna do fato. E para criar uma espécie de ‘confiança’ entre repórter e o público deve-se estabelecer entre as duas partes uma relação de fazer-creer, de modo a colocar como realidade o discurso apresentado. A foto abaixo trata-se do primeiro caso de suicídio:

Figura 1: “Homem mata ex-esposa e comete suicídio”



Fonte: www.selesnafes.com. Capturada da internet, 2019.

A matéria publicada em dezembro de 2014 traz uma única foto. Mostra o fato ocorrido em ambiente familiar, capturada pela janela do quarto da vítima. A imagem tenta mostrar a intimidade das vítimas, pela ação do encontro de dois corpos em uma cama. Ainda, mostra também, um tiro que supostamente poderia ser no coração. As cores da fotografia, dessa vez vêm com tons medianos, enfatizando em primeiro plano, o vermelho - sangue, em uma atitude de espetacularização da atitude da segunda vítima.

Durante o desenvolvimento da notícia, percebe-se que os tons das palavras justificam o crime como passional, dando tons românticos por parte do autor da matéria, além de dar os mínimos detalhes como quem eram as vítimas, onde moravam, detalhando endereço, até o número da residência e a forma que o marido matou a ex-companheira. Nesse caso, têm-se a falta de respeito em anunciar o crime covarde sem preservar a identidade das vítimas ou a própria cena onde tudo aconteceu.

As duas imagens a seguir também foram reportadas pelo mesmo site, sobre outros casos de suicídio em Macapá. A espetacularização da notícia é forçada pelo veículo.

Figura 2 – ‘Um salto para a morte’



Fonte: Imagem da internet, 2019.

Figura 3 - Morador tenta ajudar vítima que morreu na hora



Fonte: www.selesnafes.com. Capturada da internet, 2019.

A foto (imagem 2) apresentada vem acompanhada de tons frios, dando significado ao ato da vítima, o fato de o simbolismo da morte não possuir cores vivas. Acompanhada, também, do que poderia ser tratado como foto autorizada, por conter a participação na imagem dos carros de autoridades civis, como Polícia Militar do Amapá (PMAP), Corpo de Bombeiros Militar do Amapá (CBM/AP), e Polícia Técnico Científica (POLITEC), e a faixa de limite para não passagem de pessoas não autorizadas.

Diante da segunda foto (imagem 3), agora temos o inverso. O corpo da vítima estendido, ainda, no local de suicídio, contendo as cores frias. O registro fotográfico também remete ao ato de luto, mostrando pessoas que não poderiam acessar o local, por serem leigas ou desconhecidas da vítima. A imagem representa a vulnerabilidade para a ação e imagem da vítima, como um espetáculo ‘ao vivo’ para quem passava pelo local.

Como recorda Grandó (2010) no estudo ‘Suicídio na pauta Jornalística’, justificava para a publicação de notícias sobre suicídio, sustenta sob o argumento da divulgação de conhecimento das causas, e como forma de prevenção.

Ao abordar o suicídio em suas páginas diárias, a imprensa também poderia contribuir oferecendo informações e incentivando um debate sobre como auxiliar pessoas com tendências suicidas, como superar a perda de uma pessoa querida por suicídio, como relações familiares e escolares podem influenciar crianças e adolescentes a pensarem em suicídio em decorrência de uma pressão social vinda dessas instituições que eles não conseguem suportar. (GRANDO, 2010).

Além disso, a mesma autora enaltece que apesar do grande desconforto que essas reportagens provocam, os jornais diários são ‘alimentados’ com informações sobre homicídios, latrocínios, estupros seguidos de assassinatos, e não passam de um espetáculo da notícia. Como observa Baudrillard (1996), a morte se transformou em um espetáculo na mídia, provocando a uma necessidade inconsciente do leitor sobre cada detalhe do fato reportado, e que anseia secretamente a destruição do outro indivíduo como espetáculo. A liberdade de imprensa prevista pelo Código de Ética do Jornalista Brasileiro, é confundido com ‘abuso’ e ‘libertinagem’.

Será que divulgação de matérias sobre suicídio incentiva determinado grupo a tentar tirar a própria vida? Em pesquisa, Loureiro, Moreira e Sachsida (2013) constatam que o índice de influência da mídia é o terceiro motivador do suicídio, depois do desemprego e violência. O primeiro passo é combater a disseminação de notícias e casos de suicídio nas redes sociais, aplicativos como WhatsApp, entre outros.

Das Soluções e Políticas Públicas

O suicídio é um grave problema de saúde pública, principalmente no estado do Amapá. A prevenção e controle, embora possível, envolve uma série de atividades para o sucesso dos programas de prevenção, que vão desde a melhoria das condições de educação e crescimento das crianças e adolescentes, atendimento médico especializado, pelo controle ambiental de fatores de risco e pela apropriada disseminação da informação destinada a conscientização.

Diante desses desafios, em abril de 2019, o Ministério Público do Amapá promoveu a primeira ‘Conversa com Imprensa para abordar o assunto suicídio’, com o objetivo de identificar como o tema tem sido veiculado na imprensa do Estado do Amapá. Na reunião membros da imprensa, psicólogos, pedagogos, parentes enlutados e profissionais da saúde, dialogaram a respeito do assunto.

A partir desse encontro, o MP expediu recomendação Nº 0000002/2019-PJDS/MACAPÁ, orientando os profissionais jornalistas e comunicadores de como proceder na abordagem do suicídio nas reportagens. Entre as medidas indicadas pelo documento estão: 1) não fornecer detalhes do ocorrido; 2) a não veiculação de fotos; 3) evitar teorizar as causas ou buscar culpados; sem enaltecer ‘ato heroico’, usando termos como: ‘só tinha essa opção, coragem, a solução’.

Além disso, a recomendação instrui não indicar o local onde o fato aconteceu, não repetir a reportagem (suítes) ou realizar novas matérias sobre o caso; evitando dar destaque; manchetes, chamadas e publicar o fato em primeira página. Por fim, o documento pede que a abordagem adequada do assunto seja garantida para salvar mais vidas e enaltece que “[...] a prestação de informações corretas à sociedade civil sobre o tema é uma das possibilidades de ajudá-los a identificar pessoas em risco e prevenir o ato suicida” (MINISTÉRIO PÚBLICO, p. 5. 2019).

O excesso de informação detalhada e, em primeira mão, acaba por ferir o Código de Ética, como também as vítimas, familiares e, sobretudo, nesse jogo de espetáculo. E para o mundo das *hard news*, como dito anteriormente, todos os jornais estão na concorrência, diariamente, para veicular a notícia em primeira mão. Por isso, Kucinski (2004) questiona o contexto atual da imprensa brasileira:

O jornalismo brasileiro vive hoje uma crise ética muito especial. Mais do que a incidência de desvios éticos pontuais, a característica dessa crise é o *vazio ético*. Nas redações, deu-se uma rendição generalizada aos ditames mercantilistas ou ideológicos dos proprietários dos meios de informação. A liberdade de informar e o direito de ser informado, canonizados na Declaração Universal dos Direitos do Homem e erigidos em ideologia dos códigos de ética jornalística nos mais diversos países, tornaram-se letra morta (KUCINSKI, 2004, p. 17).

Em 2016, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), reunindo esforços junto à OMS, lançou o manual “Comportamento suicida: conhecer para prevenir”, direcionado para profissionais da imprensa. O texto discorre sobre a relação entre o suicídio e a mídia, orientando as possíveis formas de noticiar questões relacionadas ao suicídio apresentando a prevenção e a pósvenção

De acordo com Shneidman (1973) a *pósvenção* é qualquer ato apropriado e de ajuda que aconteça após o suicídio, com o objetivo de auxiliar os sobreviventes a viver mais, com mais produtividade e menos estresse que eles viveriam se não houvesse esse

auxílio. Enquanto, a prevenção é um conjunto de medidas adiantadas de algo que ajuda a *prevenir* um mal por antecipação. No jornalismo, seria dever do jornalista, enquanto detentor da informação, disponibilizar no site ou matéria, os órgãos responsáveis por fazer o acolhimento da família da vítima e dos jovens sobreviventes. Ou seja, não se trata de reportar o fato do suicídio, mas angular a pauta para um debate de prevenção.

Nunes (2018) reafirma que o conhecimento dos fatores de risco pode ajudar os profissionais de saúde a identificarem grupos nos quais os comportamentos suicidas poderão ocorrer com maior frequência. Por isso, além da construção de narrativas sobre o tema ‘suicídio’, o jornalista deve abordar nas reportagens formas de prevenção e pósvenção, orientando o leitor a buscar ajuda e orientações básicas de proteção a vida.

O que diz a legislação?

O Código de Ética do Jornalista Brasileiro (2007) assegura o direito fundamental do cidadão ter acesso à informação, além do direito de informar e de ser informado. Os artigos 6, 7, 11 e 12, indicam os direitos e deveres principais do jornalista para com a sociedade e na transmissão de informações.

Art. 6

VI - Não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha;

VIII - Respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão;

Art. 7

II - Submeter-se a diretrizes contrárias à precisa apuração dos acontecimentos e à correta divulgação da informação;

Art.11

II - De caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes;

Art. 12

II - Buscar provas que fundamentam as informações de interesse público;

III - tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar [...]. (CÓDIGO DE ÉTICA FENAJE, 2019)

Como exemplifica a lei, o jornalista tem o direito de informar, mas também tem o dever de veicular a informação com responsabilidade, sem pôr em risco a integridade das fontes. Deve, portanto, tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações divulgadas, para assegurar que vítimas e familiares tenham paz e tranquilidade na hora do luto. Segundo Cornu (1998), “o exercício da liberdade de informação implica, [...] A imprensa é totalmente livre e não pode sofrer restrições sob a forma de censura” (CORNU

1998, p. 46). Entretanto, cabe ao jornalista o bom senso de avaliar o que é de fato de interesse público e de interesse do público, por meio dos critérios de noticiabilidade.

Além disso, o jornalista deve avaliar e aplicar os critérios de noticiabilidade juntos do código de ética, levando em conta o *valor-notícia*, onde se analisa os fatos e suas características, e não apenas optar pela seleção hierárquica de notícias.

É necessário lembrar que os critérios de noticiabilidade, também, tem o objetivo de tornar a informação um objeto de construção humanitária, em que as narrativas ofereçam instrumentos para a educação cidadã do leitor-receptor de forma indireta, tendo em vista que o jornalismo deve cumprir sua missão social democrática de informar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar a espetacularização midiática que se desenvolve a partir da construção de reportagens sobre o suicídio no Estado do Amapá. Ao tratar do tema, buscamos debater o caso de duas notícias veiculados pelo site SelesNafes.com, de Macapá: ‘Homem mata ex-esposa e comete suicídio’ e ‘Um salto para a morte’, colocando em reflexão o papel e dever ético do jornalismo em noticiar esses fatos.

Na análise, compreendemos que o site SelesNafes.com, no que diz respeito a publicação dos conteúdos das matérias analisadas, não seguiu os critérios de noticiabilidade, as normativas da legislação do Código de Jornalista Brasileiro e Constituição Federal (CF 88), desconhecendo, ainda, as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Tendo em vista que noticiar os fatos sobre suicídio de forma indevida, em um estado com a maior taxa de índice de suicídios – o Amapá, pode contribuir ou incentivar comportamentos suicidas, através de ‘gatilhos’ presente nos textos e imagens reportadas de maneira espetacularizada.

Por outro lado, o estudo levanta outro debate no que tange a formação de acadêmicos e profissionais de comunicação, na tentativa de colocar em discussão metodologias para pensar narrativas humanitárias para a construção de reportagens com responsabilidade e altruísmo, evitando que o fato e casos de suicídio se tornem um espetáculo midiático para atender a curiosidade do público, ou aos interesses comerciais, financeiros e audiência dos veículos de comunicação (BAUDRILLARD, 1996).

Com essa pesquisa, podemos averiguar a real situação e o porquê o tema vem acompanhado de um alerta epidemiológico sobre casos de suicídio no estado do Amapá.

O Governo e autoridades estão empenhados em acolher e disseminar as precauções à toda a sociedade diante do crescimento dos casos. Cabe questionar, ainda, em próximos estudos, o fato de os homens serem a grande maioria dentre as vítimas de suicídio, além de entender porque o público tem a necessidade de saber detalhes ínfimos dessa violência contra a vida. Buscar problematizar, também, a formação de futuros jornalistas, a partir de uma visão mais humanitária, por meios de princípios morais e éticos.

Desejamos que esse estudo seja um alerta à toda sociedade, aos profissionais de imprensa e da comunicação, para que cuidem e respeitem mais o próximo, com atitudes e responsabilidades éticas e morais, frente à um assunto tão polêmico e sensível. Por fim, o compromisso do bom jornalismo deve ser a prática diária de defender a vida.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, CASSIO FERREIRA. **O Suicídio na pauta do webjornalismo no Amapá**. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, UNIFAP, 2018.

AMAPÁ (Estado). Ministério Público do Amapá. **Recomendação nº 0000002/2019-PJDS/MACAPÁ**. 2019. Disponível em: [http://www.mpap.mp.br/images/RECOMENDA%C3%87AO_0000002-2019-PJDS-MCP - NF 3070-89 - CASOS DE SUICIDIOS E A IMPRENSA.pdf](http://www.mpap.mp.br/images/RECOMENDA%C3%87AO_0000002-2019-PJDS-MCP_-_NF_3070-89_-_CASOS_DE_SUICIDIOS_E_A_IMPrensa.pdf). Acesso em 16 de maio de 2019.

BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996.

BOTEGA, N.J. WERLANG, B.G. **Comportamento suicida**. Porto. Alegre: Artmed, 2004.

CORNU, Daniel. **Ética da informação**. São Paulo: EDUSC, 1998.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: M. Fontes, 1977.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE JORNALISMO. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Vitória, 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04_codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em 15 de maio de 2019.

GRANDO, Carolina Pompeo. **O suicídio na pauta jornalística**. Florianópolis, 2010. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/> Acesso em 26 de abril de 2019.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética**. São Paulo: Unesp, 2004

NUNES, Luana Izabel da Silva. **Mídia e suicídio: prevenção e posvenção na era digital**. Macapá, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia**. Genebra, 2000. Disponível em:

https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf Acesso em 15 de abril de 2019.

SACHSIDA, Paulo R. A. Loureiro; Tito Belchior Moreira; Adolfo. **Os efeitos da mídia sobre o suicídio: uma análise empírica para os estados brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2013.

SHNEIDMAN, E. (1973). **Deaths of Man**. New York: Quadrangle.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Suicídio. Saber, Agir e Prevenir**. Volume 48, nº30- 2017. <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf> Acesso em 27 de junho de 2019.

SELESNAFES.COM. **Um salto para a morte**. SelesNafes.com. Macapá. 14 nov 2016. Disponível em: <https://selesnafes.com/2016/11/um-salto-para-a-morte/>. Acesso em: 22 de julho de 2019.

SELESNAFES.COM. **Homem mata ex-esposa e comete suicídio**. SelesNafes.com. Macapá. 1 dez 2014. Disponível em: <https://selesnafes.com/2014/12/homem-mata-ex-esposa-e-comete-suicidio/>. Acesso em: 22 de julho de 2019.

WIKIPÉDIA. **Seles Nafes biografia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Seles_Nafes. Acesso em: 22 de julho de 2019.